



Artigos

Estrabão

Vol. (4): 383-391

©Autores

DOI: 10.53455/re.v4i.140



Recebido em: 01/08/2023

Publicado em: 05/12/2023

A linguagem fotográfica nas mídias digitais: diálogos sobre modos de ver a Fronteira

Photographic language in digital media: dialogues about ways of seeing the Border

Ana Gláucia Seccatto^{1A}

Resumo:

Contexto: As temáticas e os debates referentes à fronteira tendem a remeter a contextos conflitantes, e nos últimos tempos, tem-se notado uma maior visibilidade e intensificação da circulação dessas ideias, provocado principalmente pelos avanços tecnológicos. Tendo em vista que Mato Grosso do Sul tem significativa área em região de fronteira, nesse texto realizamos uma reflexão teórica sobre as possíveis concepções e olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai, podem estar sendo criadas e reproduzidas através de imagens fotográficas veiculadas nas mídias eletrônicas e também, refletir sobre de que forma muitas das imagens veiculadas nas mídias também podem ajudar os educadores em sala de aula, quando estes forem trabalhar sobre temas referentes à fronteira. **Método:** Foram realizados como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e de caráter exploratório, e coleta de imagens fotográficas em mídias eletrônicas através de buscas na plataforma Google. **Resultados:** A partir das discussões refletimos que muitas imagens veiculadas nas mídias, de alguma forma, ajudam a criar e reproduzir estereótipos em relação à fronteira, em contraposição, outras imagens presentes nas mídias eletrônicas podem contribuir para desconstruir estereótipos e ampliar as possibilidades de compreensão sobre as vivências na fronteira.

Palavras-Chave: Imagens, Estereótipos, Ensino de Geografia.

Abstract

Context: The themes and debates regarding the border tend to refer to conflicting contexts, and in recent times, there has been a greater visibility and intensification of the circulation of these ideas, caused mainly by technological advances. Considering that Mato Grosso do Sul has a significant area in the border region, in this text we carry out a theoretical reflection on the possible conceptions and perspectives on the Brazil-Paraguay border, which may be created and reproduced through photographic images conveyed in electronic and media also, reflect on how many of the images published in the media can also help educators in the classroom, when they work on topics related to the border. **Method:** Methodological procedures included bibliographical research of a qualitative and exploratory nature, and collection of photographic images in electronic media through searches on the Google platform. **Results:** From the discussions we reflected that many images published in the media, in some way, help to create and reproduce stereotypes in relation to the border, in contrast, other images present in electronic media can contribute to deconstructing stereotypes and expanding the possibilities of understanding about experiences on the border.

Keywords: Images, Stereotypes, Geography Teaching.

1 - Doutora em Geografia pelo PPGG/UFGD

A - Contato principal: anag_seccatto@hotmail.com

Introdução

Os avanços tecnológicos atingem e influenciam cada vez mais a vida do homem em sociedade; os meios de comunicação circulam com uma ampla velocidade e são responsáveis por permitir que a sociedade contemporânea se caracterize como a sociedade da informação. O surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens intensificou a grande circulação de imagens fotográficas pelos diversos veículos midiáticos. Especificamente na mídia eletrônica, as informações e as imagens são veiculadas com grande velocidade, exigindo que os indivíduos saibam a melhor maneira de lidar com elas, em outras palavras, que saibam decodificá-las e interpretá-las.

Diante do entendimento que as imagens fotográficas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção do conhecimento dessa ciência, a Geografia como disciplina componente do currículo escolar, tem o papel de possibilitar aos alunos o desenvolvimento de uma leitura crítica de mundo, que podem ser potencializadas através da leitura das linguagens imagéticas.

Levando em consideração que Mato Grosso do Sul possui extensão significativa de seu território em área de fronteira, muitas são as mídias da região que veiculam notícias e imagens fotográficas sobre questões fronteiriças, sendo assim, objetivamos neste artigo¹, realizar uma reflexão teórica sobre as possíveis concepções e olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai, podem estar sendo criadas e reproduzidas através de imagens fotográficas veiculadas nas mídias eletrônicas, paralelamente a este fato, também iremos realizar uma discussão sobre de que forma muitas das imagens veiculadas nas mídias também podem ajudar os educadores em sala de aula, quando estes forem trabalhar sobre temas referentes à fronteira.

Método

Para atingir os objetivos propostos, foram realizados como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e de caráter exploratório que permitem um aprofundamento da temática a ser estudada, e as imagens fotográficas utilizadas foram coletadas em mídias eletrônicas através de uma busca simples na plataforma Google.

Assim sendo, a partir de uma imagem fotográfica sobre a fronteira veiculada em mídias eletrônicas, iremos apresentar uma discussão de como muitas dessas imagens podem estar de alguma forma criando e levando a reprodução de estereótipos entre a sociedade sobre a fronteira, e contrapondo a este contexto, a partir de outra imagem, iremos discutir as contribuições importantes que ela nos apresenta para dialogarmos sobre as vivências na fronteira, imagens estas que quando utilizadas em sala de aula podem ajudar os professores ao trabalharem com temas referentes à fronteira, tendo em vista que, principalmente em áreas de fronteira há limitações apresentadas pelos materiais didáticos utilizados na maioria das escolas que não abordam a fronteira de forma mais ampla.

Para a construção teórica das reflexões as principais fontes que foram consultadas foram livros, periódicos, teses, dissertações e entre outros, buscando realizar o levantamento e revisão bibliográfica sobre o tema. Assim sendo, foram utilizados ao longo das discussões e reflexões as contribuições de vários autores como Raffestin (2005), Albuquerque (2010), Terenciani (2011) e dentre outros que fomentam e enriquecem as discussões construídas.

Revisão de literatura

Ao refletir sobre a palavra fronteira o primeiro pensamento que nos vem em mente é o de limite e separação entre países, estados ou cidades. O significado de fronteira de acordo com os dicionários é o que delimita ou separa os lugares, territórios e paisagens, é a linha divisória entre dois países ou regiões. Essa

1 O presente artigo é parte integrante do estudo realizado na dissertação de mestrado em Geografia desenvolvida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. A referida pesquisa é intitulada "Imagens da fronteira nas mídias eletrônicas: olhares a partir de fotografias sobre a fronteira Brasil -Paraguai".

separação pode ser por meio de acidentes naturais como rios e montanhas, ou separadas apenas por uma rua, como é o caso da fronteira seca entre Ponta-Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).

Sejam construções naturais ou não, os limites territoriais foram estabelecidos historicamente por meio de tratados e acordos entre dois ou mais países para determinar os territórios de cada Estado-nação, ou seja, determinar até onde se estende a jurisdição de cada país. Tal ideia reducionista de fronteira tida hoje é produto da formação dos Estados-nações, com suas delimitações precisas para atender às necessidades de gerenciamento do seu território.

No entanto, as fronteiras apresentam um significado muito mais amplo do que o de simples linhas de separação entre países. A fronteira não se reduz a determinação física, e pensá-la apenas como limite político-administrativo é um pensamento simplista e pobre, que não abarca a complexidade e multiplicidade de significações que o termo carrega. Raffestin (2005) critica a noção que a cultura ocidental tem sobre a fronteira, relatando que tal noção é de uma pobreza absoluta, por reduzir a dimensão de fronteira a limites meramente territoriais e cartográficos. Para ele “a fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso” (Raffestin, 2005, p.10). Segundo Raffestin a fronteira não se reduz a determinação física, pois:

[...] a fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas em todos os sistemas biossociais. (Raffestin, 2005, p.13)

Portanto, as fronteiras, muito mais além de serem um marco de limite e de divisão territorial ao separar dois Estados-nações, e de administração política, de onde começa e acaba o domínio de determinados estados, elas envolvem construções simbólicas de pertencimento, de mestiçagem, de intercâmbio cultural e de relações sociais; ela é palco cotidianamente de choque, trocas e mobilidades de pessoas, culturas, línguas e crenças que no contato com o diferente se multiplicam e dão vida às dinâmicas dos espaços fronteiriços.

Para Albuquerque (2010, p.34):

(...) As fronteiras não são somente marcos de delimitação fixados no território físico. Elas representam o fim e o início da jurisdição estatal, os limites da cidadania e dos símbolos oficiais da pátria. Muitas vezes significam zonas de hibridismo entre línguas nacionais, meios de comunicação e outros símbolos culturais. As fronteiras nacionais são lugares de controle e de travessia, lugares de movimento de pessoas que cruzam os limites territoriais e configuram outras fronteiras.

Desta forma, para além da definição de separar dois Estados-nações, a fronteira é espaço onde ocorrem as relações de contatos entre as pessoas, sejam eles harmoniosos ou conflituosos, envolvendo complexas questões sociais e políticas que fazem parte do cotidiano dos espaços fronteiriços. E se, por um lado as fronteiras são elementos de separação, por outro elas se apresentam como a mistura de povos e culturas e a união de nações vizinhas.

Muitas vezes vemos o conceito de fronteira ser utilizado como sinônimo de limite, porém, existem diferenças específicas entre esses conceitos. A fronteira, de acordo com Albuquerque (2010, p.35) é:

(...) vista geralmente como zona, uma faixa ou região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite político. Não tem extensão precisa e varia em cada situação singular. Mas, muitas vezes, os Estados nacionais definem juridicamente uma faixa de fronteira como área de segurança nacional.

Podemos dizer, então, que a ideia de fronteira é mais adequada para se referir a uma faixa do território que se estende ao longo da linha limite entre os países, é o espaço onde ocorrem a integração e o contato entre os dois lados da fronteira que extrapolam os limites estabelecidos do Estado-nação. Enquanto o limite pode

ser definido como:

(...) o limite internacional é denominado de linha de fronteira. O limite é abstrato e invisível, fruto de um tratado jurídico internacional ou delimitação. A divisa representa a visibilidade na paisagem geográfica deste limite invisível. Ele é percebido através da construção de marcos visíveis (a demarcação) e da criação de controles alfandegários e de instituições militares que fiscalizam a saída e entrada de mercadorias e pessoas (Martin, 1998; Golin, 2002; *apud* Albuquerque, 2010, p.35)

Portanto, limite é o que se estabelece por meio de acordos ou tratados entre os países, sendo uma linha imaginária definida por características naturais ou artificiais. Yamashita (2013) também relata que a fronteira está em uma condição diferente de limite, pois limite se refere a um referencial fixo, estabelecido por relações de ordem e poder, diferentemente da concepção de fronteira que pode ser entendida como móvel, e é exatamente por não respeitar os limites pré-estabelecidos, que a fronteira se encontra em uma condição diferente da de limite, que tende a ser fixo.

Imensas são as trocas em termos de cultura e costumes ou questões de ordem política, social e econômica que interferem na vida das populações fronteiriças (Albuquerque, 2010), os limites visíveis e invisíveis da fronteira marcam as identidades pessoais, étnicas e nacionais que são cotidianamente produzidas através de uma divisão de territórios, de culturas, de identidade, de nacionalidade, ordens e desordens que fazem parte das regiões fronteiriças. Essas regiões são palco de complexas relações sociais e culturais, são territórios marcados pelo confronto de etnias e nacionalidades, “são relações diferentes que se unem e se dividem demonstrando a dialética da fronteira: a vida (entre) o lado de cá e o lado de lá” (Mondardo, 2009, p. 01).

A mobilidade da fronteira se reflete no seu cotidiano, pois são constantes as trocas, mesclas e hibridizações, sejam de ordem cultural, social, política e econômica que ultrapassam os limites territoriais impostos, e que não podem ser delimitados, pois são fluxos permanentes que fazem parte do vai e vem dos espaços fronteiriços.

Compreendendo que a fronteira também é um espaço múltiplo e fluido, pois ela é um lugar de transição, de contato, mobilidade e movimento entre pessoas, culturas, crenças e valores, se caracterizando com um lugar diverso, podemos pensá-la, então, como sendo um terceiro espaço, como explicam Costa e Moretti (2011, p.4) “ao se afirmar que as fronteiras não são fixas, mas sim um processo em movimento, faz sentido pensar em “zonas de transição”, que seria estar em um terceiro espaço a que podemos chamar de “entre-lugar”.

Nesse sentido, o conceito de entre lugar para Ferraz (2010) refere-se a um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, é o lugar onde ao mesmo tempo que limita e separa, permite o contato e a aproximação, “é local daqueles que estão de passagem e em movimento buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades” (Ferraz, 2010, p.30). O entre-lugar é um lugar de contato de diferenças e de troca não só entre um país e o outro, mas dentro das próprias condições de vida das pessoas, entre grupos marginais e outros de classe média, exclusão e violência no cotidiano das fronteiras, nos movimentos de ida e vinda de costumes, culturas e crenças que extrapolam os limites estabelecidos dando vida as peculiaridades da fronteira.

Frente a esse contexto, é válido salientar que as temáticas referentes à fronteira tendem a remeter a contextos conflitantes, como sendo regiões marcadas pelo tráfico, assassinatos, contrabando e comércio ilegal, e nos últimos tempos, tem-se notado uma maior visibilidade e intensificação da circulação dessas ideias, provocado principalmente pelos avanços tecnológicos que atingem e influenciam cada vez mais os indivíduos na sociedade. Os meios de comunicação circulam com uma ampla velocidade e são responsáveis por permitir que a sociedade contemporânea se caracterize como a sociedade da informação.

Assim, tendo em vista que as regiões fronteiriças são espaços de peculiaridades por apresentarem situações próprias, elas são alvo e fontes para os mais diversos veículos de informação, tendo repercussões nacionais e internacionais. No mundo contemporâneo é cada vez maior a quantidade de informações que transitam e atingem as pessoas principalmente por meio das mídias, as quais exercem um poderoso papel de fusão e difusão de estereótipos e preconceitos, tendo um poder imenso na construção de realidades entre as pessoas, nas regiões fronteiriças, as mídias têm sido forte fonte de alimentação dos mais diversos estereótipos sociais.

Porém, as regiões fronteiriças não se resumem a simplesmente aos contextos cotidianamente veiculados

pelas mídias, que em suma se restringem a contextos conflitantes, elas de fato envolvem complexas questões sociais e políticas, mas também, são cenário de fluxos, choques, misturas, integrações e mobilidades de pessoas, culturas, línguas e crenças que no contato com o diferente se multiplicam e dão vida às dinâmicas dos espaços fronteiriços como abordamos a priori.

Segundo Silveira (2007, p. 01) “o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil é atrelado a um imaginário de situações recorrentes e articulados pela ausência de estado, caos e violência”. A partir desses estereótipos são construídos e manifestados vários fatores de alteridade, etnocentrismo, discriminação e inferiorização em relação às regiões fronteiriças, estabelecendo laços de conflitos e resistência na busca de auto-identificação étnica ou nacional.

As mídias articulam imagens e informações de diferentes partes do mundo, realizando um grande impacto na sociedade; elas são capazes de ditar conceitos, moda, cultura, modo de vida, assuntos, padrão de beleza, idéias, comportamentos, pensamentos, enfim, podem realizar uma verdadeira alienação nos indivíduos. Nesse sentido, a função dos meios de comunicação, muitas vezes, tem passado da função informativa para a de instrumentos de tentativas de sustentar e legitimar políticas dos sujeitos detentores de poder. Em outras palavras, as representações midiáticas são capazes de criar um imaginário comum na sociedade, imaginários esses que são construídos a partir de representações politicamente dominantes, devemos estar atentos para não sermos reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações, frequentemente as imagens fotográficas vêm sendo utilizadas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos (Kossoy, 2002).

Quando nos referimos ao espaço escolar, a autora Terenciani (2011) destaca que os professores têm grandes dificuldades para desenvolver suas atividades sobre os temas fronteiriços, e por causa disso muitos acabam ficando restritos a datas comemorativas e festas folclóricas, como se ela se manifestasse apenas em momentos históricos específicos. Em outros casos, a fronteira é trabalhada apenas como limite político e administrativo de divisão territorial, de onde começa e terminar o domínio de determinados estados, visão está muito criticada por Raffestin (2005) como já abordado.

A partir das constatações da autora, percebemos como geralmente as questões referentes às fronteiras são trabalhadas em sala de aula, ficando clara a deficiência e a dificuldade encontrada pelos professores ao se defrontarem com esses temas. Nesse contexto, percebemos que os docentes acabam trabalhando com os conteúdos referentes à fronteira de forma distante da realidade vivida pelos alunos, reforçando as concepções que os alunos têm sobre a Geografia escolar como sendo uma disciplina sem serventia na sua vida cotidiana (Terenciane, 2011), e não contribuindo para a desconstrução de possíveis imaginários estereotipados sobre os espaços fronteiriços.

Isto posto, com base nos referenciais teóricos destacados procuramos até aqui fazer um panorama referentes a algumas concepções de fronteira e sobre a influência da mídia na construção de imaginários sobre esses espaços. E na sequência, iremos apresentar por meio de duas imagens sobre a fronteira veiculadas nas mídias eletrônicas, duas perspectivas de discussões, uma sobre como a mídia pode estar contribuindo para a criação de visões e estereótipos sobre os espaços fronteiriços, e a outra, diálogos de como imagens sobre a fronteira também presentes nas mídias eletrônicas podem ser utilizadas em sala de aula no ensino de Geografia como forma de produzir conhecimentos e outros olhares sobre esses espaços.

Resultados e discussões

Se fizermos uma busca simples em sites de pesquisas na internet sobre a fronteira Brasil-Paraguai, iremos nos deparar com a maioria de imagens referentes a assassinatos, narcotráfico, prisões, contrabandos ou apreensão de produtos ilícitos, acompanhando textos que se remetem ao que acontece na fronteira, e em um número bem reduzido, encontraremos outras imagens que se referem a outros assuntos como a cultura ou o lazer. Tomamos como exemplo, a imagem a seguir:



Figura 1 - Plantação de maconha

Fonte: www.efe.com

A imagem acima, nos apresenta uma plantação de maconha no distrito de Itakyry, próximo à fronteira com o Brasil, tal imagem foi retirada em meio a muitas outras que circulam nas mídias eletrônicas e que, em suma, caracterizam as mesmas temáticas recorrentes sobre a fronteira, especificamente entre o Brasil e o Paraguai, as quais tendem a suscitar ideias que remetem à condição e contextos conflitantes, de tráfico, produtos ilícitos, ilegalidade e violência.

De acordo Silveira (2007) a cobertura da mídia no tema das fronteiras internacionais brasileiras mostram o condicionamento da atitude profissional que reproduz um noticiário viciado em torno de alguns elementos recorrentes como “*violência urbana e rural* (assaltos, assassinatos, perseguição política a cidadãos de países vizinhos em território brasileiro); (...) e *contravenções legais* (contrabando de sementes transgênicas, alimentos, roupas e eletro-eletrônicos, abigeato, tráfico sexual e de drogas), (Silveira, 2007, p.11). Em concordância com Silveira, percebemos como a mídia, quando aborda a fronteira, pauta-se em noticiários que se restringem a alguns elementos recorrentes como falsificação, contrabando, roubo, fraude, fuga de suspeitos ou tráfico, podemos observar ta situação na foto que procura associar a imagem da maconha, e de tráfico de produtos ilícitos com a fronteira com o Paraguai.

Os elementos destacados nas imagens nos mostram como as mídias podem criar realidades sobre as regiões fronteiriças. Uma pessoa que nunca foi em áreas de fronteira, que não conhece a realidade e o cotidiano da vida nessas regiões, ao entrar em contato com tais imagens fotográficas que são veiculadas com grande difusão pelas mídias que atualmente atingem a áreas mais remotas do país e do mundo, pode construir um entendimento ou concepção simplificada sobre a realidade dessas áreas. Isso contribui para que muitos desenvolvam o sentimento de medo de ir ou viver nessas regiões, e acabem vendo a fronteira de forma estereotipada e preconceituosa como “fim do mundo”, “faroeste” ou “terra sem lei”.

Diante do exposto, no meio educativo tem se notado a crescente necessidade de os estudantes decodificarem a linguagem visual midiática para entenderem os conteúdos das mensagens e dos interesses e propósitos dos atores que as produzem, para que de forma crítica e reflexiva as interpretem e não sejam reprodutores de interesses e de ideologias de dominação e legitimação do poder.

A Geografia como disciplina integrante do currículo escolar, deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens visuais cotidianamente veiculadas pelas mídias. Neste sentido, entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como: observar, descrever, representar, comparar e analisar, conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo.

Segundo Freire (*apud* Souza, 2006, p.2):

A alfabetização pressupõe muito mais do que o ato de ler e escrever, ou no contexto da alfabetização digital, é mais do que conhecer linguagens de

programação, instalar ou utilizar um sistema operacional, um aplicativo, corresponder-se eletronicamente ou navegar na rede.

Assim sendo, o educando deve ser alfabetizado também para realizar a leitura crítica das mais diversas imagens fotográficas veiculadas pelas mídias, em outras palavras, o aluno tem que ser alfabetizado nas diferentes linguagens e não apenas na verbal, ele deve estar apto para ler e interpretar tanto linguagens verbais como as linguagens visuais as quais ele entra em contato.

Num momento de grande disseminação dos meios de comunicação, acreditamos que as imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias eletrônicas e que geralmente aparecem acompanhando textos verbais ou substituindo-os, “são capazes de veicular conceitos, gerar reflexão e didatizar o conhecimento” (Martins, 2002, p.137). Podem também construir estereótipos preconceituosos acerca de determinadas comunidades, como sobre as regiões de fronteira.

Assim, acreditamos que a fotografia potencializa as aprendizagens dos alunos, e oferece aos educadores a inserção dessa linguagem em sala de aula, para que sua prática pedagógica não seja apenas mediada pela linguagem verbal dos textos escritos. O professor pode utilizar-se das fotografias contidas nos livros didáticos, ou presentes em notícias de jornais, revistas ou nas mídias eletrônicas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos. Ao valorizar as competências dos alunos o educador permite que o ambiente de ensino vá além das aulas tradicionais do repasse de conteúdos e de memorizações:

Para Silva (2005) o trabalho com a linguagem fotográfica em sala de aula instiga os alunos em continuarem aprendendo, tomando postura crítica na análise das fotografias relacionadas com a realidade de sua vivência, possibilitando o interesse em estar descobrindo, observando e entendendo as imagens fotográficas.

Neste cenário, mesmo com presença significativa de imagens veiculadas pela mídia eletrônica que constroem preconceitos sobre as regiões de fronteira, também encontramos outras que podem estabelecer contrapontos ou mesmo propiciar elementos que possibilitam ampliar as concepções sobre a mesma.

Desta forma, destacamos as possibilidades de discussão e reflexão sobre a fronteira a partir da imagem fotográfica da Figura 2. A imagem é do fotógrafo Ernesto Franco que retrata em suas fotografias a paisagem fronteira e a imagem do homem e da mulher da fronteira². Acreditamos que a fotografia em questão possibilita que o professor leve seus educandos a uma discussão mais ampla sobre a fronteira e sobre a realidade das vivências nessas regiões.



Figura 2 - Fronteira Móvel

Fonte: www.overmundo.com.br

Nesta imagem, o fotógrafo Ernesto Franco nos surpreende ao apresentar, entre luzes e sombras,

2 A fotografia fez parte da Exposição *Fronteiras do Festival América do Sul*, realizado em Corumbá-MS no ano de 2004.

expressões e o cotidiano da vida fronteiriça. A imagem do homem, da mulher e da criança carregando sacolas nos dão a impressão de que estão em constante relação de contato e mobilidade entre as fronteiras, seja por relação comercial de intercâmbio de mercadorias, ou pela sensação que as luzes e sombras contidas na imagem nos trazem a impressão de ser um final de dia que poderia ser de trabalho, marcando as diversas relações dos indivíduos que vivem em áreas fronteiriças, que vão muito além das que cotidianamente vemos veiculadas nas mídias. Os fluxos contínuos de pessoas, informações, mercadorias, ideias, culturas, etc., contribuem para que as regiões fronteiriças e principalmente para os indivíduos que nela habitam vivenciem uma realidade única, onde os limites internacionais não impedem o livre fluxo e mobilidades entre os dois países.

Frente às multiplicidades de relações de contato e de trocas que envolvem os espaços fronteiriços, concordamos com Pesavento (2002) a respeito da ideia de que a fronteira é um limite sem limites, ela não é fixa, ela é móvel, lugar de trocas e de mobilidades, “a fronteira é um limite sem limites”. O contexto de mobilidade apresentado na figura 2 fica ainda mais claro quando observamos o nome dado pelo fotógrafo à imagem: “Fronteira Móvel” - de fronteiras sem limites, de não fixidez, a fronteira não só como limite que separa, mas que integra povos, nações, culturas e valores diferentes. O horizonte ao fundo da fotografia traz essa ideia de um mundo sem fronteiras, de mobilidade e liberdade.

O espaço fronteiriço apresentado na figura 2 nos leva a exercitar o nosso olhar para interpretar o pensamento criado pelo fotógrafo e que foi eternizado na foto. Ao dialogarmos com a imagem, percebemos como a foto está carregada de geografias, pois, foi possível extrair dela elementos importantes para a compreensão da vida cotidiana na fronteira, a imagem nos forneceu informações que possibilitaram o diálogo sobre o espaço fronteiriço, e a conexões com assuntos que não se remetem somente a questões conflitantes sobre esse espaço, mas demonstrando as relações sociais e dinâmicas cotidianas que se estabelecem neles, e como todo lugar tem suas peculiaridades, mas essas não se restringem a apenas a situações cotidianamente veiculadas nas mídias digitais, como sendo áreas perigosas, de contrabando e entre outros.

Assim sendo, a imagem fotográfica contribuiu para a potencialização de aprendizagens sobre a fronteira a partir de exercícios de observação, decodificação e análises da imagem, construindo conhecimentos sobre esses espaços, sobre a dinâmica cotidiana que os envolvem e a diversidade de relações que se afluem neles.

Considerações finais

Pensando na condição fronteiriça de vários municípios de Mato Grosso do Sul, temos o intuito de chamar a atenção para que a sociedade perceba que as regiões fronteiriças não se resumem apenas a contextos conflitantes, que as mídias circulam com um olhar vicioso nas mesmas temáticas, e que a população entenda que a fronteira não é só isso, e que desenvolvam um olhar crítico sobre essas imagens veiculadas nas mídias, levando em consideração o contexto e as situações que elas foram criadas, pois tais situações de conflito (assassinatos, roubos, contrabandos e violência) ocorrem em qualquer parte do mundo, não sendo restritas apenas as regiões fronteiriças.

Destacamos que no âmbito escolar os professores devem estar atentos e levarem em consideração que os estudantes estão em contato com essas imagens cotidianamente, e isso traz a necessidade de desenvolver habilidades para saber decodificá-las, para não serem manipulados, criando e reproduzindo estereótipos. Nesse sentido, salientamos o potencial educativo das imagens, notadamente as fotográficas, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências na alfabetização geográfica e fornecendo aos educadores novas possibilidades de abordagem para as temáticas referentes à fronteira.

Não estamos querendo aqui afirmar que as mídias não devem mais publicar e circular imagens destacando temáticas como violência, contrabando, tráfico ou outras situações conflitantes referentes à fronteira em suas reportagens e em seus sites. Nosso intuito é de chamar a atenção para que a sociedade perceba que as regiões fronteiriças não se resumem apenas a contextos conflitantes que costumemente as mídias circulam com um olhar vicioso nas mesmas temáticas.

Portanto, procuramos destacar que muitas das imagens que são veiculadas nas mídias, de alguma forma, ajudam a criar e reproduzir estereótipos em relação à fronteira. Em contraposição, apresentamos outra imagem também presente nas mídias eletrônicas que pode contribuir para desconstruir estereótipos e ampliar as possibilidades de compreensão sobre as vivências na fronteira. Neste sentido, acreditamos que os trabalhos

com as linguagens fotográficas possam contribuir para as discussões sobre temas referentes à fronteira, principalmente em áreas fronteiriças, na medida em que pesquisas já apontaram limitações em relação aos materiais didáticos utilizados na maioria das escolas localizadas nessas áreas.

Referências

Albuquerque, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010, p. 33-58.

Costa, C. A.; Moretti, E. C. Invenção do outro e encontro de identidades na fronteira Brasil-Paraguai. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, mar. 2011.

Ferraz, C. B. O. Entre-lugar: apresentação. In: *Revista Entre-lugar. Revista do Programa de Pós-Graduação da UFGD*. Ano 1, n. 1, p. 15-31, 1º sem. 2010.

Kossoy, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

Martins, E. R. A imagem no livro didático: um estudo sobre a didatização da imagem visual. 2002. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

Mondardo, M. L. Da fronteira a “fronteira”: observações do eu e do outro na (di)visão entre Brasil e Paraguai. Dourados: UFGD, 2009.

Pasavento, S. J. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H. (Org.) *Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, p. 23-39, 2002.

Raffestin, C. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, T. C. M. de (Org.). *Território sem limites – estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 9-14, 2005.

SILVA, R. M. O uso da fotografia no ensino da Geografia. Londrina, 2005. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual de Londrina.

Silveira, A. C. M. da. A identidade deteriorada: Jornalismo e estigmas sociais. Grupo de Trabalho Cultura das Mídias”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, Curitiba, PR, junho de 2007. Disponível em: [http://danielegross.com.br/site/Alumni/Identidade_Identificação/IdentidadeDeteriorada.pdf]

Souza, C. A; Bastos, F. da P. de B; Angotti, J. A. P. As mídias e suas possibilidades: desafios para o novo educador. Centro de Ciências da Educação/UFSC, Camboriú, SC, p. 1-14, 2006.

Terenciani, C. Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2011.

Yamashita, A. C. Construindo Brasilidades – O desafio de olhar, entender e perceber o sertão e as fronteiras “para dentro”. In: GONÇALVES, K. B.; SILVA, F. (Orgs) *Fronteiras e Fronteiriços*. [Eumed.net] (<http://eumed.net/>), 2013. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros-gratis/2013/1282/1282.pdf>.